# O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2010 - ANO XIII - Nº 159

## EDITORIAL

Brasília, a Capital Federal, completou 50 anos no último dia 21 de abril. Projetada urbanisticamente por Lúcio Costa e com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, Brasília foi construída com a mobilização de milhares de brasileiros que se deslocaram de várias regiões do país para levantar do chão ermo do Planalto Central a nova capital do país.

A história da construção de Brasília está marcada por gestos e atitudes de bravura, desprendimento e pioneirismo. Homens e mulheres de todas as classes, que acreditavam estar diante de novos tempos e de um futuro magistral, isolados do mundo naqueles primeiros meses de trabalho, ofereceram inesquecíveis exemplos de coragem e idealismo impulsionados pelo espírito de otimismo e aventura.

Erguer uma capital modernista no meio do cerrado, a centenas de quilômetros dos grandes centros urbanos, exigiu ampla, corajosa e ousada visão de mundo. Sua construção em tempo recorde foi vista por muitos políticos de oposição ao governo Juscelino Kubitscheck como verdadeiro desperdício do dinheiro público.

A verdade é que a transferência da capital brasileira para um lugar mais afastado do litoral era uma ideia antiga, que viera do período colonial e seria concretizada por JK, candidato a Presidente da República com o slogan "50 anos de progresso em 5 anos de governo". A modernização do país era o eixo do discurso do candidato e a nova capital encaixava-se perfeitamente nesse discurso, que se concretizou, passando Brasília a simbolizar a própria modernidade.

Com sua inauguração no dia 21 de abril de 1960, o eixo político se transferiu para o centro geográfico do país.

É uma pena que a capital futurista, a cidade símbolo do ideário nacional-desenvolvimentista complete meio século às voltas com a corrupção, com a roubalheira desenfreada e com o que se tem de mais provinciano na maneira de fazer política.

Patrimônio da humanidade devido ao seu conjunto arquitetônico, a Brasília de hoje está muito aquém da capital dos sonhos dos milhões de brasileiros. É preciso que os ideais sonhados quando de seu projeto sejam resgatados. Para tanto, é necessário que a força e a coragem de seus construtores ressurjam e sejam canalizadas na promoção de reformas políticas e sociais que permitam o renascimento da Capital Federal. O momento é este!

Reprodução

"Há 50 anos, a genialidade de arquitetos, a determinação de centenas de engenheiros, a força e o suor de milhares de trabalhadores ergueram a capital de um país."

## Brasília - um Lampejo

Já se disse que Brasília é uma cidade construída para gigantes. Não destoa da realidade, já que é a capital de um país gigante.

Qualquer que seja a impressão que a cidade desperte ou a ilação que provoque o que fica valendo é que Brasília arrastou o Brasil para o Centro-Oeste.

Eu estava em Mato Grosso quando foi aberta a estrada Cuiabá-Brasília. Nem preciso falar das cidades que foram criadas depois. Basta verificar o progresso de Rondonópolis.

Quando fui visitar os descendentes do paulista Francisco de Oliveira Borges pras bandas da serra de São Vicente, conversei com as famílias do sul, chegadas havia pouco tempo, trazendo sementes, ferramentas, móveis e utensílios domésticos em um destemido caminhão, que, só de Campo Grande a Rondonópolis, enfrentara quinhentos quilômetros (500km) de estrada de terra.

Quando reflito sobre estes cinquenta (50) anos, só uma palavra surge inscrita no mapa do Brasil: respeito.

Respeito a quem planta e cria. Respeito a quem planta ideais e, com paciência, vai criando elos vigorosos de realidade. É gado no pasto. É algodão a perder de vista. É um armazém imponente cortando a paisagem.

Dentre todas estas imagens, salta uma que jamais se apagará da minha mente.

Salomão, no Cântico dos Cânticos, compara sua amada a um "exército em ordem de batalha".

Durante a primeira invasão do Iraque, revistas publicaram uma fotografia de tanques postos lado a lado, avançando para a destruição.

Algum tempo depois, tive a felicidade de ver uma fotografia que, com um pouco de descuido, se poderia dizer ser a mesma.

Mas não eram tanques. Eram colheitadeiras enfileiradas na colheita da soja em Mato Grosso. Em vez de destruição, alimento para o Brasil e para o mundo.

Falta, porém, um ajuste.

É preciso que os institutos de pesquisa, a Universidade e os institutos de Terras dos Estados elaborem um Projeto de Ocupação das Terras do Brasil, que seja examinado pelos governos estaduais e pelo governo federal.

Todos os brasileiros têm direito a um lugar seguro para morar. Todos os agricultores têm direito a um pedaço de chão para plantar. E há terra suficiente.

Quando me lembro do suor das bravas famílias que construíram Brasília e das que deram nova feição ao campo no Centro-Oeste, não consigo compreender o descaso das autoridades em relação ao movimento dos sem têmpera, com seus carnavais e abris vermelhos.

Um lampejo levou os brasileiros para o Centro-Oeste.

Falta mais um: o que tire a máscara das falsas realezas. ***Abigayl Lea da Silva***

## Imagem - Memória

Foto arquivo Pro-Memória

No palco do Cine Estrela do Norte, da esquerda para a direita, o professor Laércio de Azevedo, o major Roberto Corrêa, o professor Luttgardes de Oliveira, o major Orlando Canário, o professor Leonan R. Muniz, o professor Nelson Lacerda e o professor Miguel Kruze Médice, numa das Conferências promovidas pelo Centro Cívico "Marechal Floriano", na semana de 19 a 23 de abril de 1949.

# A Semana do Índio de 1949

Um dos grandes feitos da FPV nas décadas de 1940 e 1950, que marcou toda uma geração de piquetenses, ocorreu no campo da educação.

O Departamento Educacional da Fábrica, que coordenava os diversos cursos mantidos pela instituição, se preocupava em proporcionar aos alunos, além de cultura geral e formação técnica, atividades extra-curriculares. Estas atividades faziam parte do "Círculo da Juventude de Piquete", agremiação com práticas de civismo e esportes, biblioteca, clubes de leitura, coral, banda de música etc.

O Centro Cívico "Marechal Floriano", que fazia parte do Círculo da Juventude, mantinha, durante o ano letivo, diversas atividades. No ano de 1949, no mês de abril, aproveitando-se da transcorrência de datas cívicas, promoveu a Semana do Índio, em consonância com a campanha indigenista que propunha despertar nos jovens alunos o sentimento de apreço aos legítimos donos de nossa terra. O professor Nelson Lacerda, com a assistência do professor Luttgardes de Oliveira, superintendente das atividades sociais do Círculo da Juventude de Piquete, e o apoio da professora Marília Esther da Silva Ramos, organizou um programa de celebrações durante essa semana que aconteceu no Cine Estrela do Norte. Esses eventos foram transmitidos pela Emissora de Piquete, rádio do DE criada pelo major Roberto Corrêa. Cada uma das cinco sessões tinha tema especial, com programação própria. Houve participação dos professores e alunos do Departamento Educacional, cabendo aos primeiros o encargo das conferências e aos últimos os números de declamação, canto, apresentação de corais etc. O tema da sessão inaugural, em 19 de abril, foi indigenista. Compunham a mesa, presidida pelo coronel José Pompeu Monte, o major Orlando da Costa Canário, subdiretor do Departamento Educacional, o professor Luttgardes de Oliveira, o major Roberto Correa, diretor do Cinema e da Emissora de Piquete, e vários outros professores. A palestra "Breves Informações sobre a Língua Tupi" foi desenvolvida por Miguel Kruse Médice. O segundo dia teve como assunto o "Pan-americanismo". Presidiu os trabalhos o major Orlando da Costa Canário. A sessão foi aberta com as palavras do professor Luttgardes, que justificou aquela comemoração atrasada do dia 14 de abril em virtude de sua ocorrência num feriado da Semana Santa. O encaixe daquele assunto no decorrer das comemorações indianistas mostrou-se propício, visto que a campanha indigenista tem alcance continental. Em breves palavras, o professor Miguel Kruse Médice falou sobre a diferença substancial entre os conceitos Pan-americanismo e Norte-americanismo dentro da doutrina pan-americana.

O 21 de abril, embora data oficial das celebrações indianistas, não teve como tema o Indianismo: elegeu-se para reflexões a Inconfidência Mineira. A mesa teve como presidente o professor Luttgardes. O professor Miguel K. Médice fez rápida análise do sentimento de liberdade e de sua influência em nossos destinos históricos.

A ocorrência da data do descobrimento do Brasil foi o tema natural da quarta sessão, cujo desenvolvimento coube ao professor Luttgardes. A última sessão, em 23 de abril, que teve novamente a presidência do coronel diretor da FPV, ocupou-se novamente do tema específico das celebrações indianistas. A conferência do dia foi do professor Nelson Lacerda, que focou a colaboração do índio para o desenvolvimento da civilização brasileira: direto na integração das bandeiras, e indireto como tema inspirador da literatura indianista nacional.

As conferências promovidas com frequência pelo Departamento Educacional da FPV eram oportunidades aproveitadas pelo Centro Cívico para ministrar lições de civismo à nossa juventude. Ao término delas, o Hino Nacional era entoado por todos os presentes. Era o remate natural daquelas reuniões cívicas.

***Dia do Índio***

Em 1943, o Presidente Getúlio Vargas criou, por meio do Decreto-Lei nº 5540, o Dia do Índio, a ser comemorado em todo o território nacional no dia 19 de abril. Nesse dia, eventos dedicados à valorização da cultura indígena deveriam ocorrer nas escolas. Era um dia também para reflexão sobre a importância dos povos indígenas, a manutenção de suas terras e de respeito às suas manifestações culturais.

**********

**O ESTAFETA**
Fundado em fevereiro / 1997

**Diretor Geral:**
Antônio Carlos Monteiro Chaves
**Jornalista Responsável:**
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
**Revisor**: Francisco Máximo Ferreira Netto
**Redação:**
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
**Correspondência:**
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
**Editoração**: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
**Tiragem:** 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

## GENTE DA CIDADE

# Dona Aurora

Com olhar vivo e voz firme, numa conversa informal, dona Aurora Guedes, aos 95 anos de idade recria seu passado. Suas lembranças prendem-se ao Piquete antigo, à rua Major Carlos Ribeiro, artéria principal da cidade nos seus primeiros tempos. Aos poucos, quase sem esforço, suas lembranças ganham vida.

É a mais idosa moradora de sua rua. Da varanda de sua casa assistiu ao passar do tempo e ao crescimento de Piquete. Em seu relato, a cidade emerge cheia de alma, com histórias pitorescas e personagens que enriqueceram o cotidiano.

Dona Aurora nasceu a 3 de março de 1915, "no Piquete", como ela se refere ao núcleo urbano próximo à antiga Matriz de São Miguel, origem da cidade. Foi criada, porém, no Itabaquara. Neste bairro rural, os pais, Godofredo e Elisa Guedes, possuíam um sítio, vizinho às fazendas Santa Lydia, de Antônio Pelucio, e Itabaquara, de José Lúcio. Dona Aurora e os cinco irmãos ajudavam no trabalho da lavoura. A família produzia de tudo: "a terra era fértil, de maneira que a gente plantava roças de milho, arroz, feijão, mandioca, café, banana". Mantinham também uma horta, criavam vacas, porcos, galinhas e patos e, num engenho, produziam rapadura; no pomar, havia abundância de frutas. "Tudo o que sobrava, meu irmão Dico negociava na cidade; ele trazia para casa os três únicos produtos de que precisávamos: sal, fósforo e querosene". Faz questão de dizer que o cansaço do trabalho diário e o isolamento eram amenizados pelas horas ouvindo músicas no gramofone da família.

Dona Aurora nos conta que o sítio se localizava próximo ao rio, no Itabaquara de cima. "Havia também o 'Itabaquara de baixo', onde ficavam a capelinha de São José e a escola que eu e minha irmã Alzira frequentávamos". Cita a professora Alcina Rodrigues e o percurso que fazia com a irmã para assistir às aulas. "Todos os anos, em março, a igrejinha do bairro era enfeitada para a festa do padroeiro. Vinha gente de todo lugar; até do Piquete. Os festeiros eram sempre os vizinhos; minha mãe preparava vários frangos assados para os leilões".

Em 1932, assistiu à chegada ao bairro dos soldados constitucionalistas. Diz que muitos ficaram nas redondezas e outros foram para o bairro dos Marins. "Eu tinha medo...", diz. Lembra que veio da cidade um casal com os filhos, fugindo da Revolução.

*Dona Aurora e Zé do Bar com cinco dos sete filhos.*

Religiosa, dona Aurora conta que, quando adolescente, vinha aos domingos, participar da missa na Matriz de São Miguel. O pai nunca permitiu que as filhas viessem sozinhas. Nesses dias, após a missa, faziam um passeio na cidade antes de retornar para casa. Foi num desses passeios que, em frente a um bar, chamou a atenção do proprietário – José Moreira da Silva. Logo ele foi até o Itabaquara e teve permissão para iniciar o namoro. Após dois anos, casaram-se em Aparecida, no dia da Imaculada Conceição, 8 de dezembro, em 1936; nesse mesmo dia, sua irmã Alzira, também se casou com João Guimarães. Dona Aurora e José Moreira foram morar em uma casa "novinha", em frente ao bar da família, à rua Major Carlos Ribeiro.

Dos 74 anos de residência no mesmo local, recorda-se saudosa da três-vezes comadre, Mariquinha do seu Chiquinho Máximo, e de muitos moradores: Benedito Elias e dona Tide, seu Vidinho e dona Adelaide, Horácio e Lourdes Pereira Leite, João Guimarães e Alzira, Herculano Gonçalves, Zé Lemos e dona Cota... Conta que o local era movimentado, pois na Carlos Ribeiro ficava o Cine Glória; na rua de cima, a Matriz e a Praça do Coreto, onde aconteciam animadas quermesses, festas e apresentações da Banda do maestro José de Castro. Cita, ainda, os hóspedes do Hotel das Palmeiras, os romeiros e as procissões...

Dona Aurora e Zé do Bar tiveram sete filhos, netos e bisnetos.

Dona Aurora afirma que "se a gente pensa, então lembra; se não, esquece...". Por isso, a importância do incentivo à lembrança. Dona Aurora pensa e é memória viva de Piquete. Aos que cultivam a História, basta seguir o exemplo.

# De Amizade e Companheirismo

***Para Laurentino Gonçalves Dias Júnior***

Ser humano que sou, estou sujeita a todos os heroísmos e mazelas que atingem a natureza humana.

Dentre todos os opostos que a vida interpõe à minha caminhada, faço emergir o que mais me constrange: é o chefe versus subordinado, o mandar versus obedecer. Não gosto de que decidam por mim e tenho pudor de influir na decisão dos outros.

Duas consequências principais: tenho grande respeito pelas leis e regulamentos e a certeza de que há um crime que não cometeria em nenhuma circunstância – formação de quadrilha.

A amizade e o companheirismo traduzem com perfeição o que traçou o meu programa de vida, porque, já do ponto de partida, eliminam a oposição que me incomoda.

O amigo é o irmão no espírito.

O irmão de sangue se identifica conosco nas feições, na cor, no modo de andar.

O amigo se assemelha nas escolhas, na visão de mundo, nas virtudes e nos defeitos. Nada impede, portanto, que o irmão de sangue seja nosso amigo.

O amigo pode estar longe ou perto; pode ser mais novo ou mais velho; pode ser ou não do mesmo sexo; pode ser mais pobre ou mais rico; mais culto ou mais ignorante – a centelha que atou as duas personalidades é fecunda e duradoura.

Etimologicamente companheiro é o que come do mesmo pão.

Pode ser "o Pão Vivo que desceu do Céu"; pode ser "o pão nosso de cada dia" ou "o pão que o Diabo amassou com o rabo".

Companheirismo é presença. É oferecer o apoio certo no momento certo. É discutir e ajudar a encontrar a melhor solução. É sugerir atalhos. É aconselhar silêncios. É providenciar esconderijo, enquanto busca ajuda.

É por isso que o adversário nas ideias, quando tem senso de justiça, pode transformar-se em companheiro.

Amizade e companheirismo dão sentido à vida.

Existem pessoas muito especiais que são amigas e companheiras de todos e de cada um.

São elas que constroem todos os amanhãs.

***Abigayl Lea da Silva***

# Os Caminhos da Fé

Desde o século XVIII a capela de Nossa Senhora Aparecida tornou-se foco polarizador de romarias ou peregrinações a partir da propagação da notícia do encontro da imagem de Nossa Senhora da Conceição nas águas do Paraíba do Sul, nas imediações do Itaguassu. Uma pequenina capela foi improvisada e a referência ao acontecimento como foros de milagre tomou corpo atraindo homens e mulheres de fé. A transmissão do acontecimento pela oralidade entre tropeiros e caminhantes reforçou o ideário popular, marcando profundamente o conjunto das fabulações.

Augusto Emílio Zaluar escreveu em "Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)" que "a pouca distância da capela (a caminho para o porto de Itaguassu) existe na beira da estrada uma pedra já meio encoberta pelos espinheiros bravos a que chamam de 'pegada'. Na sua face superior está perfeitamente gravada a planta de um pé humano". Esta citação foi usada em epígrafe por Sônia Gabriel para o livro de sua autoria "Mistérios do Vale. Histórias que o povo conta no Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira", São José dos Campos, Jac Editora, 2006. Na citação, a imagem da caminhada, da peregrinação. Essa autora relata as origens da instalação da capela de Aparecida, que deu origem à cidade denominada de Aparecida do Norte – referência ao vale cafeeiro, cuja denominação "do Norte" tornou-se popular pela Estação Ferroviária do Norte, na capital paulista, que movimentava os trens dirigidos para o Rio de Janeiro, passando pelo Vale do Paraíba.

Consta, segundo documentação escrita e oral que, em 1717, o conde de Assumar, Dom Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcelos, como governador da província de São Paulo, estaria de passagem pela vila de Guaratinguetá, tornada uma das principais no conjunto da capitania que incluía São Paulo e Minas Gerais. O banquete que lhe era preparado deveria incluir peixes. Três pescadores foram convocados para esse fim – Felipe Pedroso, João Alves e Domingos Garcia, os quais se preocupavam com o resultado, dado que a época não se mostrava propícia. De fato, nada conseguiram nas primeiras tentativas. Mas João Alves, diante da desistência dos outros dois, insistiu mais uma vez. Qual não foi sua surpresa por sentir peso na rede quando a recolheu das águas. Tratava-se da imagem de uma santa que estava sem a cabeça, recolhida posteriormente. Como as partes se encaixaram, os pescadores julgaram ser esse um sinal divino. A pesca se prodigalizou e a quantidade farta dos peixes representou-se como um milagre.

Reverenciada, a imagem de Nossa Senhora da Conceição foi levada pelos pescadores e recebeu culto de oração dos que, tomando conhecimento do relato, passaram a solicitar milagres, os quais ocorreram, para dar a Aparecida o tributo de referência sediada em uma tosca capela, hoje basílica, com o título de Santuário Nacional.

Relatórios dos jesuítas em 1740 dão conta de que romarias a pé ou em lombo de animais eram organizadas para a localidade que abrigava o culto da imagem. Em torno da capela instalaram-se moradores e o aglomerado de Aparecida começou a se formar, ligado à Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá. Por volta de 1745, foi construída uma capela no morro dos Coqueiros para abrigar a imagem venerada.

Já em 1750 registram-se passagens de tropas anunciadas pelos cincerros nas mulas-madrinhas da liderança, tendo os jacás carregados, inclusive de crianças. Até carros-de-boi participavam. Os eixos eram ajustados nas paradas de repouso, para que chiassem na estrada do povoado anunciando os peregrinos, regozijando-se com a chegada.

A instalação da ferrovia ligando o Rio a São Paulo favoreceu a expansão dos acessos. A chegada de tróleis animava as peregrinações. Em 13 de maio de 1877 é inaugurada a estação ferroviária com grandes festas. Os romeiros durante décadas passaram a desembarcar em procissões animadas por bandas de música e aclamações das irmandades organizadas sob a liderança dos vigários paroquiais de suas áreas de origem. O comboio, alinhado nas ruas de acesso e na praça da igreja, animava-se especializado nas imagens, principalmente reproduzidas, da santa, e outras de várias devoções, mais as velas e os objetos de referência das promessas – os chamados ex-votos, confeccionados geralmente em cera. A sala dos milagres enriquecia-se deles.

A continuidade das peregrinações tornou-se sempre crescente. A construção da rodovia Presidente Dutra (1950) contribuiu para a amplitude crescente desses movimentos, e, hoje, o turismo religioso se organiza a partir de uma rede de atividades diversificadas que se expande por um sistema interligado num Circuito Turístico Religioso ou da Fé. E a tradição se mantém das peregrinações realizadas a pé, principalmente durante a Semana Santa, às vésperas da Páscoa. São essas, romarias especiais, percebidas nas velhas trilhas e ao longo da via Dutra, nos caminhos paralelos. Nos caminhos da Fé.

***Dóli de Castro Ferreira***

**********

## *Saga do Rio Paraíba*

*(...) Diz a história, a minha história,*
*que o Conde de Assumar*
*queria peixe, não tinha.*
*Desejo de Conde é ordem,*
*não se discute, nem nega.*

*Saíram os pescadores,*
*rudes trabalhadores,*
*em busca de peixe bom.*
*Colheram em suas redes,*
*por duas vezes providas,*

*a imagem da Aparecida,*
*Padroeira do Brasil.*
*Procissões e romarias,*
*promessas, velas e preces*
*soaram nas minhas vargens. (...)*

***Trecho do poema "Saga do Rio Paraíba", de Olga de Sá, publicado no livro "Coisas Caladas", 2005, editora GRAFIST.***

# Vem aí o novo PNE: estamos de olho!

A Conferência Nacional de Educação (CONAE), que aconteceu em Brasília de 28 de março a 1º de abril, discutiu propostas para o novo Plano Nacional de Educação (PNE) – década de 2011 a 2020. Este será nosso segundo Plano.

Do primeiro, muitas metas não foram atingidas, em especial as que dizem respeito à valorização do magistério. Mas tudo indica que o Brasil está mais maduro para debater e tomar decisões acerca das políticas públicas de educação, entre elas a de valorização do magistério.

Assim, de maneira geral, pode-se dizer que os professores saíram fortalecidos. Foram aprovados dois tipos de licenças remuneradas automáticas:

A chamada sabática, com duração de um ano e concedida após sete anos de atividades, para estudos;

Liberação imediata para professores que iniciarem mestrado ou doutorado;

O piso salarial nacional também foi discutido. Foi reafirmada a necessidade de garantir o cumprimento do piso nacional dos professores, que foi vetado em alguns estados por medidas jurídicas. Foi proposto, ainda, que a correção do piso seja feita a partir do Índice do Custo de Vida, do DIEESE.

Uma das razões pela quais muitas das metas do Plano em vigor não avançaram foi a falta de recursos. Na proposta em questão, é previsto que o atual investimento de 4% do PIB (Produto Interno Bruto) chegue a 10% em 2014. Isso parece fundamental, pois sem recursos mais uma vez as propostas tendem a ficar só no debate, no papel e no sonho.

Terminada a Conferência, a proposta final foi enviada ao Executivo. O Executivo, por sua vez, deverá criar a Lei do PNE e remeter à apreciação e votação do Congresso Nacional. Só esperamos que eventos como a Copa do Mundo e as eleições ao desviem o olhar da sociedade, da Academia e do governo. É bom e necessário que o novo PNE possa ser aprovado ainda este ano. Estamos de olho!

***Laura Chaves, em abril de 2010***

**Acesse, leia e divulgue o informativo**

**"O ESTAFETA"**

**www.fundacaochristianorosa.cjb.net**

Reproduções

# A história do sonho de um santo

Dom Bosco costumava ter visões proféticas.

Nascido na cidade italiana de Becchi, em 16 de agosto de 1815, foi ordenado sacerdote em 1841 e fundou a Sociedade Salesiana, considerada na época como uma das mais avançadas ordens de educadores, hoje espalhada em numerosos países.

Um de seus sonhos-visões ocorreu na noite de 30 de agosto de 1883, que o próprio santo classificou de "fato maravilhoso", transmitido durante uma reunião do capítulo-geral de sua congregação, realizada alguns dias depois, a 4 de setembro.

Um auxiliar seu, D. Zemayne, ficou com receio de que a reconstituição se perdesse e cuidou de fazer todas as anotações:

"Fui arrebatado pelos anjos e vi-me de repente no meio de grande multidão, numa estação ferroviária, onde tomei um trem. No interior do vagão, um guia celestial chamou-me a atenção: 'Olhai. Viajamos em direção às cordilheiras'. Vimos as selvas amazônicas com as suas florestas intermináveis e os seus rios intrincados e enormes. Vimos as malocas dos índios, e, aterrorizados, assistimos ao sacrifício de dois missionários salesianos, abatidos a tacape. [este fato aconteceu posteriormente na Amazônia, em 1934, quando morreram, vitimas dos xavantes, os padres Pedro Sacillotti e João Fuchs] Por muitas milhas, percorremos enorme floresta, virgem e inexplorada. Eu via as entranhas das montanhas e o fundo das planícies. Tinha sob os olhos as riquezas incomparáveis desses países, as quais um dia serão descobertas. Via numerosas minas de metais preciosos e de carvão fóssil, depósitos de petróleo tão abundantes que jamais se viram em outros lugares. Mas não era tudo. Entre os paralelos 15° e 20°, havia um leito muito largo e muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Quando se vierem a escavar as minas escondidas no meio destas montanhas, aparecerá neste sítio a terra prometida, donde fluirá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível. Isto ocorrerá antes que se passe a segunda geração".

***Uma interpretação da profecia***

Brasília surgiria antes que se passasse a segunda geração, sem contar a do momento em que D. Bosco fez a sua profecia.

Ele hoje é santo: São João Bosco. E seu nome está indissoluvelmente ligado a Brasília. Bem em frente ao Palácio da Alvorada, na outra margem do lago, existe agora uma pequena guarita que assinala a passagem de um dos paralelos que divide as bacias continentais e que está referido no sonho.

**********

# Exemplos de bravura e pioneirismo

Toda a história da construção de Brasília está marcada por gestos e atitudes de bravura, desprendimento e pioneirismo. As condições de vida dos trabalhadores eram precaríssimas e serviram justamente para unir engenheiros e operários, os candangos, numa poderosa e solidária aliança para que fossem cumpridos todos os prazos das obras.

A união dos homens que trabalhavam na construção da nova capital podia simbolizar muito bem o esforço conjunto de todo o povo brasileiro no erguimento da mais moderna cidade do mundo.

De todos os pontos do país, do Nordeste principalmente, e até mesmo da pouco habitada Amazônia, acorreram ao Planalto Central levas de desbravadores destemidos, que transformaram com trabalho e heroísmo o rude cenário natural daquela região no maior conjunto arquitetônico do mundo moderno.

As diferenças regionais, em lugar de separarem os operários em grupos isolados, uniam-nos num intercâmbio espontâneo de modismos e costumes, de bebidas e comidas, de canções e maneiras de falar. Os anos de construção de Brasília representaram, junto com a tarefa gigantesca de erguer e espalhar a cidade, uma experiência social poucas vezes conseguida anteriormente.

O que mais influenciou no bom ânimo de engenheiros, técnicos, operários e funcionários empenhados na construção de Brasília foi a consciência geral de que estavam todos abrindo novos horizontes para o país, rasgando o caminho através do qual a maior parte do território nacional, ainda por desbravar, seria finalmente integrada na civilização brasileira.

Essa consciência levou muitas vezes os homens a se superarem na tentativa de obter o que em condições normais pareceria impossível. Nem o mau tempo, nem os prazos por vezes excessivamente curtos, nem dificuldades de toda natureza puderam impedir que na data marcada Brasília se inaugurasse.

**********

Crônicas Pitorescas

# O Ministério do Amor

*Palmyro Masiero*

Pai pela primeira vez, marinheiro de primeira viagem para usar o lugar comum... Ao raiar do dia, um chorinho cumprimentava o mundo enquanto o pai deleitava a vista e o tato com a menininha rechonchudinha recém-inaugurada na vida. Como um anima saltígrado, saiu da maternidade numa alegria infantil, rescendendo amor e ternura, e pôs-se a anunciar à humanidade o faustoso acontecimento. Tomaram conhecimento do fato a família, os amigos e... todos aqueles que eram encontrados desfilando pelas ruas. Um desses, desconhecido como a maioria, se aproximava e, entre a euforia e o entusiasmo, o novo-pai desabrochava:

– Bom dia, amigo! Tenho uma menina lá em casa!

O outro, aparentemente acordando, surpreso, após fitar o rei da alegria, indiferente e frio, exclamava desiludido:

– Grande vantagem! Eu tenho seis!

Sentiram bem? Pois é! O que fazer com um água-na-fervura deste tipo? Desmancha-prazeres, resfriador de entusiasmo, ventilador de alegrias, secante do otimismo, poluidor do amor...

Diante de tão grave problema, pois elementos desses infestam e proliferam por toda parte, propus-me a questioná-lo e os resultados aqui vão para todos os governantes do mundo, que poderão usá-los, transformá-los, adaptá-los de acordo com a política que adotarem. Sugiro ao administrador máximo de cada país baixar uma lei, decreto ou o que seja nesse estilo, para que paguem imposto ao Estado, após resultado obtido de uma declaração, todos aqueles que não contribuírem com uma dosezinha de amor ao próximo, não cultivarem a delicadeza, a fraternidade, não comprovarem momentos de bom humor. A declaração, um adendo à utilizada para o Imposto de Renda, constaria de um questionário a ser respondido logo ao término da outra. Para o que se quer, parece ser óbvio que se proponha as respostas às perguntas depois da explicitação dos rendimentos. Algumas sugestões:

"Durante o ano passou algum dia sem cumprimentar alguém?"

"Deixou de sorrir e agradecer quando foi servido por um subordinado?"

"Carregou diariamente um sorriso nos lábios?"

"Qual a média de piadas contadas por mês?"

É evidente que deve haver uma folha de perguntas destinadas somente à raça motorizada:

"Usou a buzina do seu carro só quando estritamente necessário?"

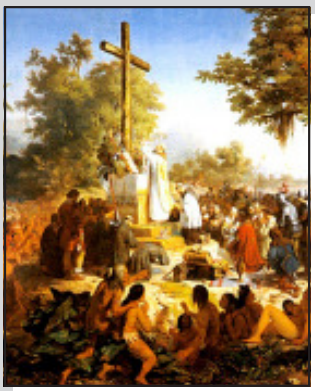
"Nos engarrafamentos de trânsito, aproveitou para ligar o rádio ou o CD e extasiar-se com a música?"

E a coisa ia por aí, com perguntas bem objetivas e boladas por aqueles que entendem do assunto, gente que ama, gente alegre, gente delicada, gente otimista...

Antes, uma grande equipe, ao estilo daquelas convocadas pelo IBGE para o Censo, faria o levantamento completo de todos os elementos maiores de dezoito anos, em cujas pesquisas, por métodos tecnológicos, seriam aquilatados e registrados, por meio de códigos, o grau de humor, fraternidade, capacidade de amar, sensibilidade etc. Tais dados seriam transmitidos ao cérebro eletrônico e corresponderiam ao número do CPF do declarante. Por aí se aquilataria a veracidade das respostas. O Ministério (do Amor?) para isso criado deveria fazer, por sorteio, exames anti-doping, ou seja, exames anti-mentira, e confrontá-los: respostas dadas e estado real da pessoa. Mentiu? Multa em cima.

Com todas as declarações, de posse de todos os dados, o computador só iria faturando em positivo e negativo. Ficou em débito com o amor, o Ministério lascava o imposto. Muito, mas muito maior que o de renda!

Evidentemente que seria um Ministério de poucas gerações... Logo, logo, suas funções já não seriam mais necessárias, pois viveríamos todos um mundo de amor num amor de mundo!



## *Você sabia?*

*A primeira missa no Brasil foi celebrada pelo frade Henrique de Coimbra, no dia 26 de abril de 1500.*

*Descrita por Pêro Vaz de Caminha na carta que enviou ao rei de Portugal, D. Manuel I (1495-1521), dando conta do descobrimento do Brasil, o momento encontra-se retratado em um quadro, "A Primeira Missa no Brasil", uma das principais obras de Victor Meireles, pintado em 1860.*

***Ilustração: detalhe de "A primeira missa no Brasil"***

# Memórias de um bom aluno - III

*Edival da Silva Castro*

***Geografia***

O professor José Leite, ou Zé Leite, como era conhecido no meio estudantil, ministrava aulas de Geografia do Brasil e Geral. Ótimo professor, recorria em suas aulas a todos os expedientes didáticos. Seu critério era chegar à sala de aula, colocar o mapa num prego fixado acima da lousa e desenvolver a matéria. Com uma varinha, como se fosse de condão, ia margeando as regiões do mundo. Como ele mesmo dizia: "Através dos mapas, posso estar em todos os lugares do globo terrestre no mesmo dia, na mesma hora". Os mapas eram os mais diversos: de orografia, hidrografia, geologia, recursos naturais, economia e de população.

Com todo seu donaire, o professor Zé Leite costumava contar algumas passagens pitorescas da sua vida profissional. Volta e meia dizia que, quando ia a São Paulo, costumeiramente se encontrava com o professor Aroldo de Azevedo. Na última vez em que lá esteve, encontrou-o na Praça da Sé e discorreram sobre diversos assuntos, entre eles geografia. Outras vezes, estiveram juntos na 15 de Novembro, no Largo do Arouche, no Viaduto do Chá...

Então lhe perguntei:

– Professor? Esse tal de Aroldo de Azevedo não trabalha? Sempre que o senhor vai a São Paulo o encontra zanzando pelas ruas!

Ninguém se conteve. Uma gargalhada uníssona tomou conta da sala.

O professor Zé Leite, com seu jeitão característico, batendo a varinha na mão, calmamente respondeu:

– Sabe, Edival, existem coincidências na vida que são difíceis de explicar. Porém, esses encontros com o professor Aroldo de Azevedo são explicáveis: sempre quando vou a São Paulo costumo atualizar-me comprando livros de geografia. Como o geógrafo Aroldo é muito lido, ele está em todas as bancas e livrarias, locais dos nossos encontros, do nosso plá-plá-plá. Através dos livros, óbvio!

– "Tá bom", professor! Dez a zero pro senhor!"

***Francês***

Bonjour mês élèves, tout bien? Assim a professora Nely adentrava a sala de aula. Simpática, amável, de cultura polida, entusiasta da romântica língua francesa, suas aulas eram voltadas para maratonas, debates, gincanas entre as séries... A Marselhesa era cantada antes da primeira aula ao menos uma vez por semana, com os alunos perfilados. Bonjour mon ami – Três bien – Quelle heure est-il? Merci! – Qui êtes-vous? Ao chegar, sair da escola, ou mesmo no pátio, ouvia-se sempre dos alunos essas locuções.

O interesse pela matéria estampava-se na fisionomia de cada um. A técnica de ensino empregada pela professora Nely, mais a sua simpatia, influenciavam no aprendizado. A presença dela em sala de aula era marcante. Ficávamos entristecidos com o seu "au revoir mes enfants". Unânimes, respondíamos com o coração:

– Nous sommes aimés, femme professeur!!!

# Os cinquenta anos de Brasília, a Capital Federal

Brasília completou dia 21 de abril 50 anos. A transferência para a capital federal para o planalto central do país foi um dos grandes feitos de nossa história.

Era uma cidade longamente profetizada. Já em 1883, ela aparecera reluzente nas visões do santo italiano João Bosco. Um século antes, fizera parte dos sonhos libertários dos inconfidentes, fulminados em 1789. Em 1813, o jornalista Hipólito José da Costa, redator do Correio Brasiliense, editado em Londres, deu novo alento à ideia de transferir a capital do Brasil para o interior, "junto às cabeceiras do rio São Francisco". No início de 1822, surgiria, em Lisboa, um livreto redigido nas Cortes, determinando que "no centro do Brasil, entre as nascentes dos confluentes do Paraguai e do Amazonas fundar-se-á a capital do Brasil, com a denominação de Brasília". No mesmo ano, após a Independência, José Bonifácio difundiria, na Constituinte, a ideia de erguer a nova capital "na latitude de 15°, em sítio sadio, ameno, fértil e regado por um rio navegável". Em 1852, o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen tornou-se o principal defensor de Brasília e, em 1877, seria o primeiro a viajar ao Planalto Central tentando demarcar o ponto ideal.

Achou-o "no triângulo formado pelas lagos Formosa, Feia e Mestre D'Armas, pelo fato de fluírem para o Amazonas, o São Francisco e o Prata". Proclamada a Republica, o artigo 3° da nova Constituição estabelecia que a capital de fato fosse mudada para o planalto central. Por isso, em 1892, à frente da recém-formada Comissão Exploradora do Planalto Central, o cientista Luis Cruls demarcou "um quadrilátero de 14.400km para nele ser erguida a nova cidade". Em 1922, o presidente Epitácio Pessoa baixou um decreto determinando que no dia 7 de setembro daquele ano, centenário da independência, fosse assentada a pedra fundamental da nova capital, na cidade de Planaltina (GO), localizada no "quadrilátero Cruls", hoje perímetro urbano de Brasília. A ideia de transferir a capital para os longínquos descampados do cerrado seria mantida nas constituições de 1934 e 1946. Mas só começou a sair do papel no dia 4 de abril de 1955, num comício em Jataí (GO), quando o então candidato à presidência, Juscelino Kubitscheck decidiu fazer a mais óbvia das promessas de campanha: jurou que iria "cumprir a Constituição". Então, como o próprio JK conta no livro "Porque construí Brasília", algo de surpreendente aconteceu e mudou os destinos do Brasil. De acordo com JK, ao final do comício em Jataí, "uma voz forte se impôs" e o interpelou. "O senhor disse que, se eleito, irá cumprir rigorosamente a Constituição. Desejo saber se pretende por em prática a mudança da capital federal para o Planalto Central". JK olhou para a plateia e identificou o interpelante: era um certo Toniquinho. Embora considerasse a pergunta embaraçosa e já tivesse seu Plano de Metas pronto, JK respondeu que construiria a nova capital. A partir daí, Brasília virou a "meta-síntese" de seu governo.

Ao assumir a Presidência, apresentou o projeto ao Congresso como fato consumado. Em setembro de 1956, foi aprovada a lei nº 2.874 que criou a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP). As obras se iniciaram em fevereiro de 1957, com apenas três mil trabalhadores – batizados de "candangos". Os arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa foram encarregados de projetar a cidade "futurista".

Nove meses depois, cerca de doze mil pessoas viviam e trabalhavam em Brasília. Mais de 45 milhões de metros cúbicos de terra vermelha foram deslocados numa terraplanagem monumental. Redigida por San Tiago Dantas, a Lei da NOVACAP permitia ao governo fazer todas as operações de crédito sem passar pelo Congresso. Houve corrupção e desvios de verbas, é claro, mas, em quarenta e um meses, onde havia apenas deserto e se escutava só o "miado da onça", erguia-se uma das cidades mais modernas do mundo. O ritmo de construção "excessivamente rápido" foi duramente criticado por políticos e empresários.

Durante muito tempo, Brasília foi tema de debates entre seus fervorosos adeptos e impenitentes adversários. Muitas vozes importantes levantaram-se contra sua construção, acusando-a de inoportuna, apressada e dispendiosa. Muitas, também, foram as vezes em que se sustentou a ideia de abandoná-la ou simplesmente interromper a sua consolidação.

Ao longo das sucessivas crises que ela viveu recrudesceram sempre as especulações sobre o retorno da capital para o Rio de Janeiro. Houve um momento em que se chegou inclusive a sugerir a sua internacionalização para servir como sede das Nações Unidas. Em fins de 1987, Brasília foi tombada pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade, sendo o único monumento arquitetônico com menos de 100 anos a receber tal honraria.

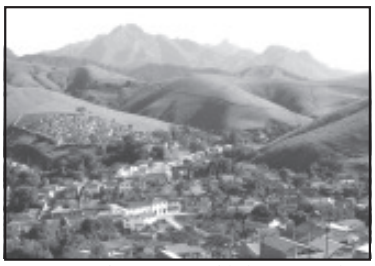
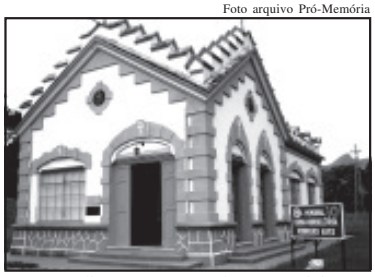
Brasília, porém, era uma ideia apoiada pela grande maioria do povo brasileiro, que via nela a prova da sua competência e da sua capacidade realizadora. Não faltaram até mesmo os partidários mais exaltados, que a consideravam o nosso terceiro marco histórico, depois da descoberta, em 1500, e da Independência, em 1822.

O debate sobre Brasília está superado. Calaram-se os seus opositores. E já não se pergunta mais quanto ela custou. Mas, sim, quanto custaria algum dia se não tivesse sido feita. ***AC***

***Fotos: reproduções de imagens da construção de Brasília.***

**********

Foto arquivo Pró-Memória

Para alcançarmos o país de nossos sonhos, é preciso começar a agir em nossas cidades. Não podemos esperar tragédias ou eventos e datas especiais para protestar. As mudanças têm que ser começar já! Delas depende a qualidade de vida de nossas cidades e, consequentemente, do Brasil.

# Brasil 2010, uma nova chance...

Começamos o ano não muito bem: tragédia em Angra dos Reis, inundações em São Luiz do Paraitinga... Veio o Carnaval e nos esquecemos das tristezas por alguns dias, apesar dos inúmeros metros cúbicos de água que se abatiam sobre o Sudeste. Veio o outono, e com ele as águas de março... Veio abril e as águas não secaram: inundaram o Rio de Janeiro e Niterói, apenas o "start" para uma sequencia de alagamentos em outras regiões do país, o Nordeste especialmente. E dá lhe tragédias, cenas consternadoras, bombeiros-heróis, políticos justificando o injustificável...

Essa sequencia vem se repetindo todos os inícios de ano em nosso país. Mas, parece que algo está mudando...

Impressionou-me o Domingão do Faustão em que o apresentador mostrou diversas celebridades falando o que sempre quis ouvir na televisão: um basta às justificativas esdrúxulas dos políticos como nunca havia visto – cobranças diretas e severas, sem a típica preocupação da mídia com a "diplomacia".

A VEJA nº 2160 traz mais um dos fortes textos de Lya Luft: escrevendo sobre crianças do Brasil que vivem do lixo, ela desabafa: "Não sei como é possível alguém dizer que este país vai bem enquanto esses fatos e outros semelhantes acontecem". Na mesma edição, publicou J.R. Guzzo: "Lula não corrige nenhum dos erros que comete, pois acabou convencido de que não erra nunca; além disso, é estimulado o tempo todo a continuar errando".

Quero acreditar que o impacto de tantas tragédias desencadeou uma onda de inconformismo com os desmandos que vem acontecendo no Brasil. A expressão "nunca neste país..." virou motivo de chacota, de tão vulgarizada. Até que melhoramos em alguns aspectos – talvez muitos. Mas que país é este em que desabamentos matam centenas de pessoas em função de uma sequencia de governos oportunistas e demagogos e de uma Defesa Civil inoperante e ineficaz? Que país é este que permite a seus filhos viver do lixo? Que país é este em que a qualidade do ensino aparece nas últimas posições das listas classificatórias mundiais? Que país é este em que ainda se morre de dengue, malária, tuberculose e doença de chagas?

As eleições estão aí. As campanhas já aconteciam – ilegalmente capitaneadas pelo líder máximo da nação, o qual prega que não se pode ficar à mercê de juízes e tribunais... O que podemos fazer? "Pelo menos, reclamar, achar que nem tudo está maravilhoso, procurar eleger pessoas de bem, interessadas, que cuidassem dos lixões, dos pobrezinhos, da saúde pública, dos leitos que faltam aos milhares, dos colégios desprovidos...", responde Lya Luft. Faço dela minhas palavras. Somente assim, conseguiremos comemorar os aniversários de descobrimento do Brasil – 22 de abril, já que muitos nem se lembram mais. Não nos esqueçamos, porém, que para mudar o Brasil temos que começar por nossas cidades, nossas casas. Os conselhos de Lya Luft valem também para as eleições municipais. E, antes delas, a cobrança já pode ser feita, no dia-a-dia. Não esperemos tragédias ou eventos e datas especiais para protestar. As mudanças têm que começar já!

***Laurentino Gonçalves Dias Jr.***

# Pedofilia no Clero

Novamente temos assistido a uma onda de denúncias de pedofilia e práticas de abusos sexuais cometidos por alguns sacerdotes católicos em vários lugares do mundo. Estes fatos deixam-nos consternados e entristecidos, pois causam grandes estragos à imagem da Igreja e, sobretudo, geram enormes sofrimentos e traumas – muitas vezes irreparáveis –, às pessoas que foram abusadas.

A predisposição para alguém se tornar um pedófilo é uma patologia grave que se instala em fases muito precoces do desenvolvimento humano. Devido ao acontecimento de algumas falhas, os cuidados oferecidos a uma criança se tornam inadequados e insuficientes para que ocorra um amadurecimento humano saudável. Temos, então, a origem das doenças psíquicas, dentre elas a pedofilia, uma chaga presente em muitos setores da sociedade. Ninguém se torna um pedófilo nos seminários. Quando ocorre um caso de pedofilia no clero, é sinal de que houve incapacidade dos formadores para detectar um problema que já estava presente no rapaz que ingressou no seminário. Por isso, é necessário que a seleção de candidatos ao sacerdócio seja mais rigorosa e que a formação não prescinda da presença de profissionais como psicólogos e psicanalistas, para que a formação dos seminaristas não seja meramente intelectual, mas também ajude no desenvolvimento humano dos candidatos e seja capaz de perceber patologias que impossibilitem o exercício do sacerdócio. A participação da comunidade na formação e avaliação dos candidatos também é muito importante: o povo deve alertar os responsáveis pelos seminaristas sobre qualquer comportamento que fuja à normalidade.

Esta circunstância de desgaste da imagem do clero que estamos vivendo em todo o mundo, embora extremamente dolorosa, pode ajudar a Igreja a fazer alguns ajustamentos necessários em suas estruturas, trazendo benefícios futuros às comunidades eclesiais. A meu ver, nos últimos anos passamos por um forte processo de clericalização de nossas comunidades de fé; por isso as atuais denúncias contra alguns poucos sacerdotes abalam tão fortemente a Igreja Romana. A Igreja, porém, não se resume à Cúria Romana, aos bispos, padres e diáconos, embora sejam ministérios fundamentais à sua vida. A constituição da Igreja é mais complexa; antes de tudo, ela é Povo de Deus; desta ampla realidade, os membros do clero são uma parcela. Este povo, ao qual pertencemos todos nós batizados, clérigos e leigos, é o portador da tradição cristã e o responsável por transmiti-la a toda a humanidade. Penso que devemos superar uma valorização exagerada do clero em favor da participação e da dignidade das outras pessoas que compõem a Igreja. Com maior valorização e protagonismo dos leigos, a Igreja realizaria melhor sua missão de continuar promovendo no mundo o Reino de Deus, iniciado pelo próprio Deus, até que, no fim dos séculos, seja por Ele completado. Uma Igreja menos clerical também ficaria menos vulnerável e problemas com os clérigos teriam efeitos menos danosos à sua imagem e ao cumprimento de sua missão.

A transmissão da fé cristã acontece, sobretudo, pelo testemunho de santidade dado por cada cristão, membro do Povo de Deus, que é a Igreja. A má conduta de um pequeno grupo de sacerdotes católicos que cometeram abusos sexuais e pedofilia de modo nenhum deve desanimar os cristãos de continuar vivendo e levando adiante suas tradições de fé. Não podemos, também, generalizar o problema. A grande maioria dos padres é composta por pessoas dedicadas,que se esforçam em viver a fé com sinceridade e em dar um bom testemunho para o mundo.

***Pe. Fabrício Beckmann***